

**SOCIABILIDADES JUVENIS E O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS: PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS ENTRE JOVENS HABITANTES DE PERIFERIAS URBANAS**

**Amanda Nogueira de Oliveira<sup>1</sup>**

**Resumo:**

Jovens transitam pela cidade. Neste âmbito, as tecnologias e, mais especificamente, os dispositivos móveis têm se inserido não apenas como ambiente de comunicação mas também como espaço de mediação entre o físico e o não-presencial. Pretende-se, com este artigo, refletir sobre a experiência dos jovens, a partir do uso do celular, na periferia urbana de Fortaleza (CE). Para isso, utiliza-se o bairro Boa Vista, conhecido historicamente como Mata Galinha. A pesquisadora toma como base autores como Machado Pais (1993), Filho (2007) e Campos (2013) para dialogar sobre juventudes; Simmel (1983) e Sibilina (2002) sobre sociabilidades; Di Felice (2009), Ferrara (1993) e Sennet (2010) sobre cidades e periferias urbanas.

**Palavras-chave:** Juventudes. Sociabilidades. Consumo. Tecnologias. Periferias Urbanas.

**A pesquisa**

Percebe-se, na contemporaneidade, a relação intensa construída pelos adolescentes e jovens com seus aparelhos celulares. Tais dispositivos, que hoje possibilitam uma série de funções, vêm, aos poucos, transformando o trajeto dessas culturas juvenis na cidade. São inúmeras e diferenciadas as experiências de contato com o cotidiano citadino em meio a uma profusão de imagens, sons e sensações.

Relações sociais são construídas através da confluência de comportamentos, proximidades e deslocamentos espaço-temporais. E até o próprio ato de não utilizar esta tecnologia evidencia que as formas de apropriação e consumo são bastante diferenciadas. Como isto afeta as sociabilidades juvenis? Em que se transformam esses corpos e relações, na metrópole, por meio do contato com os dispositivos tecnológicos presentes no convívio contemporâneo do ser juvenil?

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PGCOM), da Universidade Federal do Ceará (UFC). E.mail: olivanog@gmail.com.

Na metrópole, as relações entre juventudes são configuradas e reconfiguradas em relação ao território que habitam. E os territórios não estão condicionados apenas à presença física dos habitantes em um determinado local, mas também às suas trocas simbólicas. Os dispositivos móveis, especificamente os aparelhos celulares, dentre as muitas funções sociais que eles passam a exercer, transformam-se em passaportes de ascensão entre nichos e grupos sociais, transformam-se em indicadores de personalidade e, também, em mais uma forma de comunicação das atitudes dessas juventudes.

Entendendo que tal processo é riquíssimo de descobertas e elucidções, a proposta deste trabalho visa à discussão acerca das sociabilidades manifestadas a partir do uso de dispositivos móveis por adolescentes e jovens habitantes da cidade e, mais especificamente, para este trabalho de pesquisa, de periferias urbanas. No entanto, é importante destacar que as periferias são diversas, sendo também esta nomenclatura diferenciada de acordo com a que os habitantes gostariam de denominar, assim como os próprios usos, costumes e ações destes mesmos habitantes, que também permanecem sendo modificados ao longo do tempo. Neste viés, destaca Ferrara (1993),

(...) ao tratar dos espaços periféricos aos grandes centros urbanos, não é possível apreendê-los globalmente como se entendêssemos que o adjetivo que os qualifica os torna necessariamente iguais. É urgente saber de que periferia se trata e como se processam usos e hábitos que a singularizam e a fragmentam (FERRARA, 1993, p. 153).

Para realizar a discussão, tomamos como ponto de partida a escolha de um bairro que tivesse um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) baixo, que estivesse localizado longe do centro da cidade de Fortaleza (CE) – perímetro onde, normalmente, se localizam bairros cujo acesso da população moradora é maior a serviços essenciais básicos, como saneamento básico, transporte público, educação, dentre outros –, e em que a população moradora do local não excedesse o número de dez mil habitantes. Levando em consideração esses fatores, e o fato de uma dos pesquisadores ser moradora de um dos bairros próximos ao local da pesquisa, foi escolhido o bairro Boa Vista, localizado no perímetro da Secretaria Regional VI, ao sul da cidade de Fortaleza (CE).

## O Boa Vista em Fortaleza (CE)

Fortaleza é capital do Ceará – estado pertencente ao Nordeste brasileiro –, e está localizada ao norte do estado. É uma cidade litorânea, com 2,4 milhões de habitantes, essencialmente urbana, não possuindo área rural. De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a partir de dados coletados pelo último Censo Demográfico, realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Fortaleza é 0,786, considerado alto.

A cidade é dividida em sete regiões, intituladas Secretarias Regionais, que mantêm, cada uma, secretários regionais com função de subprefeitos. Essa divisão é antiga, sendo inicialmente seis regionais, e decorre da necessidade da gestão municipal em administrar os serviços essenciais básicos, como educação e saúde, de forma descentralizada.

A Secretaria Regional VI, onde está localizado o bairro Boa Vista, mantém população total estimada em 600 mil habitantes, totalizando 29 bairros, correspondentes a 42% do território de Fortaleza. A Boa Vista possui área de 2,287km<sup>2</sup>, com população de 8.663 habitantes e IDHM de 0,313, considerado baixo em comparação a outros da capital, de acordo com estudo recente da Prefeitura de Fortaleza, tomando como base dados do PNUD, em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e a Fundação João Pinheiro (FJP).

Dentre outros fatores, o bairro Boa Vista<sup>2</sup> é conhecido por abrigar o maior estádio do Ceará, o Castelão, conhecido também, entre os fortalezenses, pela alcunha de “gigantão da Boa Vista”. Durante o período da Copa das Confederações, em 2013, e da Copa do Mundo, 2014, realizadas no Brasil, o bairro ganhou projeção nacional e internacional tanto em menção aos preparativos e execução dos jogos que iriam acontecer no Castelão, como pelo

---

<sup>2</sup> Até o começo dos anos 2000, o atual bairro Boa Vista era conhecido pelo nome de Mata Galinha. Ainda hoje, há quem utilize o termo Mata Galinha para nomear a localização. A própria Prefeitura de Fortaleza, em 2014, ainda utiliza a antiga nomenclatura em seu estudo sobre o desenvolvimento humano nos bairros da cidade. No entanto, de acordo com projeto de lei publicado no ano de 2009, o bairro é intitulado oficialmente como Boa Vista.

nível de desigualdade social que acomete a população local, em conflito direto com a reforma milionária do equipamento esportivo e do entorno a ele.

## **Juventudes em trânsito**

Antes de qualquer análise sobre as ações e atitudes das juventudes, independente do nicho social o qual se relacionam e se identificam, é necessário destacar que esta categoria social é plural em sua essência e que a forma como se relaciona com outros jovens acontece de maneiras diversas, seja como possibilidade de construção e reconstrução de identidades e representações sociais dos próprios jovens, ou mesmo em sua relação a outras categorias sociais.

Barbalho (2013) identifica que esta forma plural de entendimento sobre as juventudes pode ser analisada em suas dimensões diacrônica, em que esta categoria social deve ser investigada em sua relação com gerações anteriores, seja diferindo ou se assemelhando a elas, e sincrônica, a partir das divergências e similitudes entre jovens de uma mesma geração, levando em consideração as transformações de gênero, classe, étnicas, entre outras.

Há uma série de estudos sobre juventudes, principalmente no começo do século XX, que entendem esta categoria social como fruto de uma construção biológica, como rito de passagem entre a infância e a idade adulta. No entanto, ao longo das pesquisas sobre juventudes no século passado e principalmente a partir de sua metade, com os estudos culturais desenvolvidos pela Escola de Birmingham, na Inglaterra, época também chamada de pós-guerra, esta concepção passou por reformulações, possibilitando um entendimento diferente, e que contempla de uma melhor maneira, dessa esfera social (FILHO, 2007).

Somente ao final do século XX, a antropologia aprofunda estudos sobre a temática, ensaiando a criação do que se poderia chamar de antropologia da juventude, sendo necessário, para embasar pesquisas antropológicas sobre as culturas juvenis, que os pesquisadores, sobre a temática, direcionem o enfoque no estudo da construção cultural da juventude e no estudo da construção juvenil da cultura (CAMPOS, 2010). Após os estudos sobre as juventudes começarem a focar o cotidiano dos jovens e suas formas de interação, surge então o conceito de culturas juvenis (PAIS, 1993).

As juventudes do pós-guerra, além de serem foco de pesquisas sobre seus movimentos e relações sociais, também viraram foco das possibilidades de consumo que surgiriam com a época. As mídias do período, principalmente a televisão, tiveram papel relevante na construção do jovem como público consumidor. Na década de 1970, o Brasil passava por um período de enriquecimento industrial em que, também, o setor terciário promovia a transformação econômica do país. Em 2014, vivemos algo parecido à época. Em doze anos, o Brasil deu um salto quantitativo e qualitativo no consumo de bens duráveis e não-duráveis.

Sendo os jovens que lidam diretamente com a perspectiva do consumo, é sua relação com as tecnologias que, muitas vezes, torna-se foco de estudo, principalmente no que tange às culturas juvenis. As discussões atuais sobre o consumo demonstram a visão de que ele é resultado e proporcionador de uma constante necessidade de inserção dos indivíduos nos grupos sociais imergidos da sociedade contemporânea. No entanto, mesmo que adolescentes e jovens tenham essa inserção nas formas de consumo, isso não significa que vivenciamos em uma sociedade em abundância (BAUDRILLARD, 2010). O consumo dos artefatos tecnológicos não acontece da mesma forma.

No caso deste trabalho específico, atenta-se para a expansão da tecnologia móvel no Brasil. Em agosto de 2014, chegamos a cerca de 272,4 milhões de linhas de telefones celulares, com uma média de mais de um acesso para cada habitante, sendo que o número de linhas de celulares pré-pagos, chegando a 212,27 milhões, bem maior que o de acessos pós-pagos, totalizando 63,44 milhões de linhas (MC, 2014).

O acesso a esta ferramenta se dá de forma acelerada pelas mais variadas categorias sociais. Além da portabilidade, a maior possibilidade de acesso se dá também por ser o celular a forma mais econômica de conexão. É interessante observar que o acesso a esta tecnologia tem se dado de maneira constante entre os jovens e que, mesmo as juventudes em contato crescente com as tecnologias de informação e comunicação, nem todas que estão conectadas a este novo modelo de comunicação.

Em 2011, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) investigou, pela segunda vez inserida em seu plano básico – é a quarta pesquisa sobre a temática realizada pela PNAD, levando-se em consideração que em 2005 e 2008 foi investigada como tema

suplementar – o acesso à Internet e a posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Quanto ao acesso de telefones móveis celulares por jovens, a pesquisa mostrou uma linha crescente de usuários por faixa etária, alcançando seu ápice no período de 30 a 34 anos.

Em uma perspectiva próxima à de Baudrillard, mas em confluência com as novas multiplicidades sociais, Canclini (2008) também dialoga sobre o consumo como satisfação de necessidades, seja individuais ou coletivas. Para o autor latinoamericano, a sociedade atual intercambia objetos para satisfazer necessidades fixadas culturalmente, justamente para possibilitar uma integração nos grupos sociais, também como uma estratégia de distinção, dando segurança de permanência aos inseridos em instituições e rituais sociais (CANCLINI, 2008).

## **Sociabilidades**

Na cidade de Fortaleza, o uso das tecnologias de informação e comunicação, e mais precisamente dos aparelhos celulares como dispositivos híbridos de trocas de informações, não é diferente do uso em outros grandes centros urbanos do Brasil. No caso do bairro Boa Vista, ao trafegar por entre suas ruas e vielas, identificamos que as usabilidades destes dispositivos híbridos também acontecem cotidianamente entre os adolescentes e jovens presentes na área.

Entre junho e agosto de 2014, visitamos o bairro Boa Vista e nos deixamos conduzir pelo espaço e pelas informações traduzidas pelos habitantes locais, assim como pelos rastros de cheiros, sons e sabores que o Boa Vista nos permitiu. Não há como percorrer esse trajeto sem a noção de que espaço e informação são elementos que dependem entre si, sendo inviável compreender um espaço sem que se identifique também que usos e hábitos resultam das formas de produção que os caracteriza (FERRARA, 1993).

Adolescentes e jovens, no espaço da Boa Vista, ainda sentam às calçadas, assim como suas famílias. Costume antigo, principalmente percebido em cidades do interior, é também transformado pelo uso do celular. Percebemos que as juventudes, mesmo ainda participando dessa prática, mantêm sua atenção voltada para o dispositivo. Eles se aglomeram à calçada de sua residência, ou a de vizinhos, trocando informações por meio do dispositivo. Compreende-

se aqui que as sociabilidades geradas estão diluídas entre o físico e não-presencial, entre as subjetividades e os corpos contemporâneos, evidenciando uma mistura intensa de micropolíticas (SIBILIA, 2002). Há que se superar, nesse sentido, a concepção de que as relações sociais estariam limitadas, na contemporaneidade, às interações face a face. O ideal seria repensar esse sentido “antropomórfico das formas sociais e da sociabilidade nas megalópoles contemporâneas” (DI FELICE, 2009, p. 158).

Ao caminhar pelo bairro, observamos que o espaço mantém territórios diferenciados. Explica Ferrara (1993) que “a imagem urbana, não apenas visual, mas, sobretudo, polissensorial, é uma representação construída cotidianamente pelos moradores, a partir da informação inferida da vivência de variáveis contextuais consideradas como elementos de informação urbana” (FERRARA, 1993, p. 71). Nesse aspecto se vê, de forma crescente, quadra a quadra, que as casas se transformam. Aos poucos, partindo do início do bairro até o seu limite com o seguinte, casas pequenas, intercaladas, dão espaço para casas grandes, inseridas em verdadeiras muralhas protegidas do ambiente exterior. No bairro, é evidente a carência de espaços de lazer. No entanto, foi justamente no ambiente externo do Castelão, praticamente único local propício à construção de sociabilidades juvenis, onde pudemos dialogar com adolescentes usuários dos dispositivos híbridos.

Como metodologia empregada para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos a observação participante, recortando, em um primeiro momento, o grupo focal a ser analisado. Tanto acompanhamos estes adolescentes em âmbito presencial, a partir de visitas a campo, como por meio da plataforma *Facebook*, onde identificamos a relação do contexto neste ambiente comunicacional com o presencial do grupo pesquisado.

Os três adolescentes selecionados têm idade entre 14 e 16 anos, fazem parte do mesmo grupo social e mantêm contato por meio do celular. Como forma de identificação, utilizaremos a inicial do nome de cada um, L., E. e R.<sup>3</sup> Importante salientar que, dentre os três adolescentes pesquisados, apenas E. não é morador da Boa Vista, mas habita o local,

---

<sup>3</sup> Sugerimos que os adolescentes nos propusessem codinomes baseados na concepção de *nicknames* que os ambientes comunicacionais na internet possibilitam. No entanto, um deles destacou que seu nome poderia ser utilizado completamente na pesquisa. Mesmo assim, entendemos que suas identidades não devem ser reveladas.

principalmente, pelas relações de amizade que conserva no território, assim como pela possibilidade de uso do perímetro do Castelão para realizar manobras de skate.

O contexto local, partindo de uma reflexão inicial, é bastante diferenciado. A utilização dos aparelhos celulares não se dá de forma usual nas ruas da localidade. Isso se deve, em parte, pelo receio existente, entre os adolescentes pesquisados, de que sejam vítimas de assalto na localidade. L., 14 anos, nesse sentido, observou que foi assaltada e que, por isso, demoraria para que seus pais a presentassem com um novo aparelho celular. R., 15 anos, também comentou que passou por essa situação, mas que agora não utiliza mais o aparelho, que ganhou em seguida, em caminhadas pelo bairro. Destaca que o utiliza praticamente apenas em casa, o que deixa a sua mãe bastante chateada. Já com relação a este assunto, E., 16 anos, observou que para utilizar o aparelho celular ele deve levar o território em consideração. De acordo com E., em alguns territórios por onde passa, tanto no bairro como em outros limítrofes, já é reconhecido, o que não motivaria problemas do tipo. Percebe-se aí que a percepção de território também está atrelada à utilização dos dispositivos, que há uma diluição entre as esferas e que o dispositivo, mesmo sendo objeto de consumo praticamente generalizado, não o é para uma parcela significativa da Boa Vista.

E. e um amigo seu, nos últimos meses, conquistaram apoio de uma marca de roupa e equipamentos de aventura, caso fizessem propaganda dos produtos adquiridos com a marca no *Facebook*. E. observou que agora tem que publicizar suas manobras de skate, mas que não gosta muito. No *Facebook*, constantemente, envia também recados públicos aos amigos, marcando-os nas publicações, convidando-os para realizar algumas manobras no entorno do Castelão ou em comunidades próximas. E. destacou, em diálogo no campo, que tanto liga para os amigos, quanto manda mensagens também. No entanto, seu acesso fica limitado, ainda mais com relação ao uso da internet, porque não possui créditos periodicamente. De acordo com E., a forma que mantém para gerar renda, e inserir créditos no celular, é ao ajudar a mãe a dar aulas de reforço. Ao mesmo tempo que E. utiliza os dispositivos híbridos para manutenção de contato entre seu próprio grupo social, ele também tece outros tipos de relações, que envolvem também apoio financeiro para prática de seu sonho: tornar-se skatista profissional. São formas diferenciadas de pertencimento e apropriação dos territórios



informacionais, em que se vive a experiência da suspensão do espaço geográfico, da interrupção das fronteiras fixas (DI FELICE, 2009), ao mesmo tempo em que o território físico é agente também proporcionador da construção de relações e práticas em diferentes ambientes.

Outro ponto destacado entre os adolescentes pesquisados é que as músicas estão constantemente presentes no cotidiano desses adolescentes. E., em suas manobras, não deixa de contar com seu celular e os fones de ouvido. Identifica que, desta forma, ele consegue se concentrar melhor. Neste viés, constrói-se uma nova relação com o espaço. Habita-se socialmente de forma diferenciada. Cria-se também uma narrativa musical para a utilização do território. Há uma migração permanente de paisagens visuais e sonoras em que o áudio também atua como território informacional e na relação com os outros.

## **Resultados e conclusões**

Dispositivos híbridos de comunicação, além de nos possibilitar novas formas de contato entre indivíduos próximos, dá-nos também a possibilidade de criação de um novo ambiente comunicacional com diferentes indivíduos e grupos sociais. Pode-se assim dizer que tais esferas possibilitam uma corrente transmutação do âmbito presencial para um espaço não-físico, se assim pode ser chamado, evidenciando não uma dicotomia entre espaços, nem apenas uma conseqüente complementaridade, mas também a criação, justamente, de um novo ambiente.

Mesmo sendo interessante destacar que não apenas porque utilizam dispositivos híbridos móveis esses adolescentes necessariamente interagem, que as interações na cidade estão em constante fluxo e não necessariamente são consolidadas, identifica-se que são tecidas relações de sociabilidade entre os adolescentes pesquisados e usuários destas tecnologias. É necessário destacar também que essas formas de sociabilidades por meio de dispositivos híbridos são apenas mais uma possibilidade de sociabilidade e que os habitantes locais da Boa Vista já tecem outras formas de encontros e relações.

Então, sociabilidade aqui poderia ser entendida como uma multiplicidade de vínculos. Sociabilidade esta tecida a partir da troca de desejos e propósitos em comum entre partes

interessadas, existente essencialmente pela não-obrigatoriedade de manutenção dessas relações. A sociabilidade se constitui na liberdade de laços (SIMMEL, 1983). Os adolescentes aqui pesquisados fortalecem essa definição, já que mantêm afetos e relações desinteressados e tecidos pela liberdade do encontro.

Observa-se uma pretensa convergência entre público e privado, entre a vida em sociedade e a intimidade, que poderia ser entendido como um “universo” de relações sociais (SENNET, 1988). Há na verdade, uma diluição de uma antiga oposição clássica entre público e privado, na qual identifica-se que as “subjetividades e os corpos contemporâneos são afetados pelas tecnologias da virtualidade e da imortalidade, e pelas novas maneiras que elas inauguram de entender e vivenciar o constrangimento espaço-temporais” (SIBILIA, 2002, p. 60). O bairro Boa Vista também se enquadra nesse universo de relações.

É interessante destacar, ainda, que o fator econômico não é essencialmente delimitador do uso e acesso das juventudes pesquisadas, habitantes de um bairro com IDHM baixo, dos dispositivos híbridos de comunicação. O celular é entendido como um instrumento tecnológico de alcance possível, no entanto, não generalizado. Mesmo assim, ele também consolida-se como um fator de sociabilidade entre as juventudes habitantes de periferias urbanas.

## Referências bibliográficas

- MC. **Telefonia móvel**. Disponível em: < <http://www.mc.gov.br/internet-telefonia-e-tv-paga/telefonia-movel>>. Acesso em 20 ago. 2014.
- BARBALHO, Alexandre. **A criação está no Ar: Juventudes, Política, Cultura e Mídia**. Fortaleza: EdUECE, 2013.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.
- CAMPOS, Ricardo. **Porque pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica ao graffiti urbano**. Lisboa: Fim de Século, 2010.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- DI FELICE, Massimo. **Paisagens Pós-urbanas. O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.

# 10<sup>o</sup> interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. São Paulo: EdUSP, 1993.
- IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, **Acesso à Internet e Posse de telefone móvel celular para uso pessoal**, 2009/2011.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SIBILIA, Paula. **O Homem Pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- SIMMEL, Georg. **Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal**. In: Moraes Filho, Evaristo (org.). Simmel. São Paulo: Ática, 1983.